

**Síntese do relatório das estruturas escavadas no tufo da Caldeira das Lajes,
Praia da Vitória, ilha Terceira**

José Luís Neto e Pedro Parreira

“A Caldeira das Lajes apresenta no seu fundo uma queimada coberta de vinhas e povoada de casas na extensão de dois moios de terreno. Observada de cima da serra de Santiago nos belos dias das vindimas, oferece ao espetador um quadro aprazível. Ela se assemelha aos antigos bosques consagrados a Baco, onde um enxame de vinhateiros formigavam no outono ensopados em roxo mosto, e carregados de uvas, preparando o suave líquido, que havia de servir para libação nos alegres festejos do Deus das Parras.” (Jerónimo Emiliano de Andrade, 1891)

Por se tratar de um relatório técnico demasiado extenso, com diversas especialidades a ele associadas e, atendendo a que se aguardam ainda vários resultados de análises laboratoriais, entendeu-se ser mais útil elaborar uma informação sintética sobre as estruturas escavadas no tufo da Caldeira das Lajes, freguesia das Lajes, concelho da Praia da Vitória, ilha Terceira. O relatório técnico poderá ser consultado posteriormente na íntegra, assim como, qualquer processo da Carta Arqueológica dos Açores, presencialmente, na Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico, sita na rua de Jesus n.º 119, em Angra do Heroísmo, bastando para tal, proceder à solicitação prévia, dirigida ao Diretor Regional da Cultura.

A 9 de janeiro de 2015, procedeu-se à avaliação de três estruturas patrimoniais, cuja descoberta havia sido comunicada à Direção Regional da Cultura, no mês anterior, por Marisa Toste, João Carlos Rosa e António Félix Rodrigues. Localizadas no lugar da Caldeira, identificaram-se três construções escavadas na barreira de tufo vulcânico. Foi decidido proceder-se a uma intervenção arqueológica, de forma a investigar e compreender melhor as mesmas. Esta intervenção decorreu entre 2 e 27 de fevereiro do mesmo ano.

Registaram-se as três construções (estrutura 1, 2 e 3) fotograficamente e em desenho técnico. Seguiram-se escavações. Optou-se por preservar sensivelmente metade de cada uma das áreas, para uma possível futura contraprova de resultados. A terra removida foi alvo de crivagem (sistemática nas estruturas 1 e 3, de amostragem na estrutura 2) e os materiais recuperados foram colocados ao cuidado de conservadores-restauradores habilitados.

A estrutura 1 encontra-se ainda em funcionamento, como local de arrumos de materiais agrícolas. Trata-se de uma estrutura escavada no tufo, em forma de saco, com

dimensões de cerca de 6 metros de comprimento por 5 metros de largura. Os trabalhos permitiram compreender que a terra do solo era solta e pouco profunda, exumando-se diversos vestígios orgânicos e material inorgânico. Destes achados, destacam-se ossos de gato, vestígios de pregos e madeiras, assim como a descoberta de dois buracos no solo. Estes buracos indiciam ter cumprido a função de apoio de uma estrutura de piso intermédio, muito provavelmente feito em madeira. Os achados datáveis são indicadores de uma cronologia recente.

A estrutura 2 pode tratar-se de um aproveitamento da queda de uma parte da barreira, que foi afeiçãoada na zona onde se formou um vão. Encontrava-se parcialmente entulhada, com indícios do solo ter sido já escavado, no exterior, recentemente. Os achadores confirmaram que tinham procedido, conjuntamente com o proprietário do terreno, ao desentulhamento parcial do solo junto à entrada, procurando verificar se se tratava de uma construção ou de um simples bloco de tufo vulcânico. Com os trabalhos arqueológicos, foi colocado a descoberto um piso, de terra batida pelo uso. Os materiais recuperados permitiram traçar dois momentos diferentes da ocupação do local: da camada mais profunda, aparentemente anterior ao afeiçãoamento da rocha e outro, supostamente, do período de afeiçãoamento da rocha onde se recuperaram fragmentos cerâmicos de presumidas produções regionais, dadas as semelhanças com as cerâmicas produzidas entre o século XVI e o XX; da camada de entulho, exumaram-se vários pedaços de plásticos, pregos, vidros de garrafas de cerveja e outros materiais, que por queimados permitiram verificar que existiram queimadas no local e/ou nas proximidades. Este conjunto de materiais situa, cronologicamente, o momento de abandono da estrutura no terceiro quartel do século XX.

A estrutura 3 corresponde a uma estrutura escavada no tufo, em forma de saco, que se estende por uma área oval de cerca de 4,50 metros de eixo maior por 4,50 m de eixo menor. Nas suas paredes, destacam-se numerosos alvéolos escavados, que variam entre os 5 e os 40 centímetros de profundidade. A construção encontra-se elevada em relação ao nível do solo, com um acesso feito por degraus precários, escavados na terra. A escavação expôs a pouca profundidade do piso de terra, colocando a descoberto um buraco, junto à parede sul, que se interpretou como uma pia, contendo um orifício cilíndrico no seu interior, possivelmente para escoamento de águas para o exterior. Exumaram-se desse local diversos materiais orgânicos e inorgânicos. Entre eles, refira-se a presença de ossos de pequenos animais e vestígios de carbonato de cálcio de origem orgânica (que, na amostra analisada pelo Centro de Investigação em Engenharia dos Processos Químicos e dos Produtos da Floresta da Universidade de Coimbra, demonstrou ser composto, na sua esmagadora maioria, por casca de ovo). Outra análise realizada a uma amostra do que parece ser o mesmo material, realizada no Laboratório de Solos do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores revelou que esta era constituída maioritariamente por cal (óxido de cálcio). Os materiais datáveis não permitem aferir o período de edificação da estrutura, nem tão pouco balizar o período do seu abandono, por ter ainda um uso ocasional de apoio agrícola.

Os resultados obtidos permitiram responder a algumas questões, mas não são totalmente conclusivos. Porém, provisoriamente, pode-se informar que para a estrutura 1, a sua atual utilização e a presença de buracos para piso intermédio, possivelmente de madeira, tanto no piso como nas paredes, indicia que poderá ter cumprido uma função de armazenamento de recursos, que os colocaria afastados do chão, ou seja, a uma construção com uma função atual semelhante à dos palheiros, onde se guardam utensílios e produtos agrícolas.

Quanto à estrutura 2, constata-se o trabalho de afeiçoamento da rocha. A sua função não é claramente explicada, mas pode-se garantir que foi local de queima de materiais orgânicos recentes, havendo também ossos de suíno e de bovino queimados identificados, numa cronologia incerta.

Na estrutura 3, os alvéolos escavados na parede de tufo são ocupados atualmente por alguns pombos (identificaram-se três alvéolos onde tal ocorre), aves territoriais. Acrescem os vestígios de cascas de ovos e insetos associados à presença de sementes que integram a dieta das mesmas, o que nos permite concluir que existem pombos que aí nidificam à semelhança do que ocorre nas sineiras das igrejas da ilha e em muitos outros lugares. Os depoimentos recolhidos em entrevistas a habitantes da Caldeira revelaram que há diversas interpretações associadas a esta estrutura: a um antigo pombal mandado construir pelo “castelhano”, mas também referiram ser um local para colocar capacetes ou balas de canhão pelos soldados espanhóis, ou ainda, um local de vigia de soldados que aí estiveram durante a II Guerra Mundial.

O espólio exumado não permite datar a construção das estruturas. Regista-se que o declínio da utilização de uma delas é datável, do 3º quartel do século XX, período que coincide com um acentuado abandono do cultivo dos campos da Caldeira das Lajes. Na estrutura 2, os materiais cerâmicos encontrados a um nível que parece anteceder uma hipotética queda da barreira, o que aparentemente aponta para que o presumível derrube possa, de algum modo, coincidir com as narradas por Maldonado, durante o sismo da Praia da Vitória de 1614, ou outras eventuais no sismo de 1841, todavia, as cerâmicas não foram datadas por nenhuma técnica física, apenas por analogia.

Foram realizados trabalhos de prospeção no terreno, bem como se compulsou documentação de arquivo.

Todos os autores consultados que descrevem a Caldeira, ao longo dos últimos cinco séculos, referem que o terreno era circunscrito por barreiras de tufo, isolando um vale de solos de biscoito, que foi explorado sistematicamente com o cultivo da vinha. Ao percorrer os campos ainda encontramos numerosas curraletas, assim como antigos locais de apoio à atividade agrícola e várias outras estruturas afeiçoadas no tufo vulcânico, formadas pela mão humana. Algumas delas parecem ter servido para armazenamento, para resguardo ou apoio agrícola, outras porém são claras captações de água.

Sensivelmente ao centro da Caldeira surge uma construção imponente, apodada de “Casa do Espanhol”. Trata-se de um edifício de arquitetura que se destaca das restantes

existentes, ao modelo senhorial da época moderna. Autores referem que ali existiu uma capela, dedicada a Nossa Senhora da Luz. Drummond informa ainda que esta “antiquíssima” casa foi habitação de Pedro de Mendonça, reedificada às custas do neto, o padre Mateus. Pedro de Mendonça foi capitão de uma companhia com uma centena de homens, que liderou, durante a Guerra da Restauração (1641). A tradição oral local diz-nos que terão sido os proprietários desta casa senhorial a mandar construir outras estruturas na Caldeira. Junto à barreira encontrámos uma fonte monumental, em alvenaria, com claros traços arquitetónicos semelhantes aos da “Casa do Espanhol”. Servia para fornecer a água aos habitantes da Caldeira. Outra construção que alguns dos habitantes locais remetem para o “espanhol”, é a que atualmente se designa como estrutura 3, ou seja, o atual local onde ainda se observa a nidificação de alguns pombos.

Sendo a Caldeira uma zona de biscoito, alicerçada na monocultura da vinha, podemos presumir que esta família abastada, que ocupou a referida casa senhorial, e se proprietária de todos os terrenos do local, tinha por base económica, o comércio vinícola. Uma breve prospeção nos registos paroquiais da freguesia das Lajes identificou referências a aforamentos no lugar da Caldeira, o que indicia o monopólio da posse da terra, arrendada para ser trabalhada. Conjugando as informações, forma-se uma imagem clara da Caldeira, enquanto rede agrícola e comercial, no século XVII e XVIII. Encontramos muros de vinha, palheiros, antigas adegas, uma fonte, uma casa senhorial e, talvez nesse enquadramento, se possa colocar a hipótese dos proprietários poderem ter mandado escavar um pombal. Os locais de criação de pombos detinham relevo nas explorações agrícolas da época moderna, especialmente em França e Inglaterra, onde o assunto já foi estudado, tanto como símbolo de poder senhorial, mas também como mais-valia alimentar, enquanto fontes rápidas de proteína fresca. Nas fontes coevas açorianas são frequentes as referências e exemplos de criações de pombos, principalmente em São Miguel e na Terceira. Todavia, entenda-se o agora exposto como uma hipótese interpretativa a explorar, não uma certeza.

As análises laboratoriais até agora realizadas foram:

- Identificação de artrópodes em 5 amostras colhidas nos nichos da estrutura 3, pela Doutora Maria Teresa Ferreira, investigadora do Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes, durante a sua colaboração externa no Departamento de Ciências Agrárias, da Universidade dos Açores;
- Relatório da análise de alguns materiais e artefactos colhidos na sondagem arqueológica realizada no interior das estruturas escavadas no tufo vulcânico da Caldeira das Lajes, do Professor Doutor António Félix Flores Rodrigues, do Departamento de Ciências Agrárias, da Universidade dos Açores;
- Relatório da análise de materiais líticos e minerais colhidos na sondagem arqueológica no interior das estruturas escavadas no tufo vulcânico da Caldeira das Lajes, do Professor Doutor António Félix Flores Rodrigues, do Departamento de Ciências Agrárias, da Universidade dos Açores;

- Análise de vestígios orgânicos e ossos, dos Professores Doutores Rui Miguel Pires Bento da Silva Elias, João Pedro da Silva Ramos Barreiros, Carlos Fernando Mimoso Vouzela, João Vasco de Ávila de Sousa Barcelos e do técnico superior Fernando Emanuel Amarante Pacheco Pereira, do Departamento de Ciências Agrárias, da Universidade dos Açores;
- Análise de uma população de pregos recolhida em contexto arqueológico, pelo Professor Doutor António Félix Flores Rodrigues, do Departamento de Ciências Agrárias, da Universidade dos Açores e Luís Jorge Ferreira Borges e Márcio Melo Costa, alunos da Universidade dos Açores;
- Análise elementar do teor de Carbono, Hidrogénio, Azoto, Enxofre e Oxigénio de amostras sólidas com Analisador Fisons – modelo EA1108, da Professora Doutora Maria João Bastos, do Centro de Investigação em Engenharia dos processos Químicos e dos Produtos da Floresta, da Universidade de Coimbra;
- Análise Termogravimétrica com TA Instruments – modelo Q600, da Professora Doutora Maria João Bastos, do Centro de Investigação em Engenharia dos processos Químicos e dos Produtos da Floresta, da Universidade de Coimbra;
- Análise de Espectroscopia de Infravermelho com FTIR, Jasco – modelo 4200, da Professora Doutora Maria João Bastos, do Centro de Investigação em Engenharia dos processos Químicos e dos Produtos da Floresta, da Universidade de Coimbra.

Para além da escavação, da prospeção da zona, da recolha de fontes documentais primárias e secundárias, foram realizadas várias entrevistas aos habitantes. Acrescem várias análises laboratoriais a amostras retiradas dos sítios em estudo, feitas numa parceria com especialistas das Universidades dos Açores, de Coimbra e de Lisboa. Foram também consultados especialistas de ecologia, botânica e biologia. A colaboração entre tantas áreas da ciência, numa investigação arqueológica, foi inédita no arquipélago, o que parece ser de salientar e acarinhar.

Cumpramos agradecer a denodada colaboração dos descobridores, que conosco acompanharam a evolução dos trabalhos, aos proprietários do terreno, pela disponibilização das suas terras para a sua execução, aos investigadores universitários que ofereceram os seus especializados conhecimentos, bem como aos habitantes da Caldeira, pela disponibilidade em partilharem conosco os seus saberes. Uma última palavra de apreço e estima à comunicação social, nomeadamente a *RTP/A* e o *Diário Insular*, pela cobertura educativa que souberam dar aos morosos processos das técnicas de arqueologia.

Neste momento, enquanto se aguarda pelos resultados das análises ainda em falta, nomeadamente, a análise dos indicadores - componentes biológicos, assinatura isotópica dos isótopos estáveis de C e N, identificação do banco de sementes e determinação da sua proveniência, em estudo no Departamento de Biologia Vegetal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, pela Professora Doutora Cristina Cruz, adotando a perspectiva

ao que os seus indicadores apontarem e sugerirem, independentemente de a mesma afirmar que : “o material [recolhido] é muito rico em pólen atual”, poder-se-á afirmar que:

- 1 – A estrutura 1 e 3 foram escavadas no tufo vulcânico;
- 2 – A estrutura 2 é provavelmente construída num vão criado por desfragmentação e queda de parte da barreira;
- 3 – Desfragmentações da barreira da Caldeira são registadas em documentos históricos após os sismos de 1614 e 1980 e provavelmente no de 1841, havendo alguns locais da barreira cujos movimentos de vertente também o indicam;
- 4 – A estrutura 1 encontra-se em uso como local de guarda de utensílios agrícolas e mostrou negativos de uma estrutura compatível com esse uso;
- 5 – O espólio exumado datável na estrutura 1 é recente;
- 6 – A estrutura 2 não se encontrava em uso e foi entulhada no 3.º quartel do século XX;
- 7 – Dos estratos que antecederam a formação do piso o espólio poderá enquadrar-se entre os séculos XVI a XX;
- 8 – A estrutura 3 é um local onde atualmente nidificam alguns pombos;
- 9 – Os vestígios exumados na estrutura 3 atestam a presença de pombos;
- 10 – Esta peritagem não danificou, senão parcialmente, o potencial do local.

Bibliografia

ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia da Ilha Terceira*. Manuel Vieira Mendes da Silva. 2.ª ed. anotada por José Alves da Silva.

BRUNO, Jorge A. Paulus – coord. (2004) – *Inventário do Património Imóvel dos Açores. Praia da Vitória*. Ed. Direção Regional da Cultura e Instituto Açoriano da Cultura, Angra do Heroísmo.

CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em jardim de várias flores*. Ed. Direção Regional dos Assuntos Culturais e Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo.

CORDEIRO, António (1981) – *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeytas no Oceano Occidental*, Ed. Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo.

DRUMMOND, Francisco Ferreira (1990) – *Apontamentos topográficos, políticos, civis e eclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira*. Ed. Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo.

FRUTUOSO, Gaspar (1998) – *Saudades da Terra*. Livro III, IV e VI, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada.

GUEDES, Correia (2000) – “Um Estudo Sobre a Casa do Castelhana situado na Caldeira das Lajes” in <http://www.ihit.pt/new/boletim.php?area=boletins&id=47>

MALDONADO, Manuel Luís (1990-97) – *Fénix Angrense*. 3 volumes. Ed. Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo.

MENESES, Avelino de Freitas de (2001) – *As Lajes da ilha Terceira, aspetos da sua história*. Blue Edições, Angra do Heroísmo.

SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória da Ilha Terceira*. Imprensa Municipal. Angra do Heroísmo.

TOSTE, Marisa; ROSA, José e RODRIGUES, António Félix (2014) – *Comunicação da existência de duas estruturas escavadas na rocha, de grande dimensão, com elevado interesse etnográfico ou arqueológico*. Carta ao Diretor Regional da Cultura. Praia da Vitória, 26 de dezembro.

YVES, Henry (1981) – “Le colombier, un signe extérieur de noblesse. Essai sur les colombiers en Bretagne » in *Annales de Bretagne et des pays de l’Ouest*. Tome 88, n. ° 1, pp. 67 – 86.